

Um percurso pela Educação: Didática – Pedagogia – Didactologia

Ana Nobre¹

Resumo

Este artigo de revisão aborda a didática, a pedagogia e a didactologia, o seu funcionamento e a sua evolução. Os termos significam “como ensinar / aprender?” e entender estes conceitos suscita interesse. Cada termo lembra um dado momento na história da disciplina, cada um caracterizado pela presença de um “núcleo duro”. As várias questões sobre a disciplina e o seu estatuto: ciência ou tecnologia, sobre o seu campo e as áreas interpeladas, nos levam a concluir que um conjunto de abordagens científicas de um real pedagógico é a história da didática e a história de conceitos.

¹ Estudou em Paris, é atualmente Professora Auxiliar docente da Universidade Aberta onde leciona desde 1998, tendo sido anteriormente assistente na Universidade Sorbonne, Paris. Concluiu o Doutoramento em Didátologia das Línguas e das Culturas na Universidade da Sorbonne. Enquanto investigadora, tem-se dedicado especialmente ao Ensino/Aprendizagem de línguas estrangeiras *online*, à Didática do eLearning, aos Recursos Educacionais Abertos e recentemente à gamificação na educação.

Palavras-chave: Educação, Didática, Pedagogia, Didactologia, Ensino/Aprendizagem das línguas estrangeiras.

Abstract

This review article deals with didactics, pedagogy and didacology, its functioning and its evolution. The terms mean "how to teach / learn?" And understanding these concepts raises interest. Each term recalls a given moment in the history of the discipline, each characterized by the presence of a "hard core". The various questions about the discipline and its status: science or technology, about its field and the areas addressed, lead us to conclude that a set of scientific approaches to a pedagogical reality is the history of didactics and the history of concepts.

Keywords: Education, Didactics, Pedagogy, Didacology, Teaching / Learning of foreign languages.

Introdução

A Educação é uma aplicação radical de uma filosofia complexa que ultrapassa os limites do cenário escolar e resulta de uma profunda reflexão. É um pensamento de vida, a sua criação, os seus usos e a sua qualidade revestem uma importância relevante na hora em que a diversidade e a modificação dos apoios à Educação impõem escolhas. É por isso, que no nosso percurso, consideramos várias perspectivas: a Didática, a Pedagogia e a Didactologia.

A Didática experimentou dois momentos históricos correspondentes a inversões de perspectivas tanto epistemológicas

quanto conceituais. O primeiro corresponde à transição da Pedagogia para a Linguística Aplicada e o segundo à transição da Linguística Aplicada para a Didática e Didactologia das Línguas e das Culturas.

Nas teorias linguísticas e no ensino das línguas, o caminho é longo e produtivo ao analisarmos as diferentes metodologias de origem americana ou de origem francesa. Mas como nasceu esta disciplina? Será que podemos definir a Didática?

Didática: definição e campo

A Didática nasceu da Linguística Aplicada e a Linguística Aplicada nasceu da Linguística, enriquecida pela Sociolinguística, Psicologia, Psicopedagogia e Tecnologia. Esta genealogia explica a dificuldade em delimitar esta disciplina. Uma definição da Didática é realmente possível se olharmos para o seu objeto, o seu campo, os seus conceitos e domínios questionados. Mas, as diferenças conceituais são óbvias, pois a palavra "didática" nem sempre se refere ao mesmo conceito. Uma abordagem cronológica-permite-nos observar que o decorrer da Didática é também uma história de conceito e que cada nome (pedagogia, linguística aplicada ou didática) é a ilustração nominativa de uma posição disciplinar, epistemológica ou conceitual, correspondendo assim a um determinado momento do percurso da disciplina.

Definindo aspectos

Do ponto de vista histórico, a didática é uma disciplina relativamente recente que não permite uma visão epistemologicamente estável. De acordo com Daniel Coste, a Didática procura uma "solidez científica garantido tanto a seriedade dos fundamentos quanto a legitimidade dos eventos", reunindo todos aqueles que têm em comum

"o projeto de estabelecer uma ciência do ensino das línguas e das culturas". Coste define a didática das línguas estrangeiras, como um

"ensemble de discours (écrits et oraux) tenus sur l'enseignement/apprentissage de ce complexe de savoirs et de savoir-faire qu'est la connaissance/maîtrise d'une langue non maternelle" (1976: 53).

Mas esta "ambição científica", só faz sentido se permitir orientações sobre o ensino/aprendizagem. Coste relata ainda que uma didática deve indicar "o que fazer" e "como fazer".

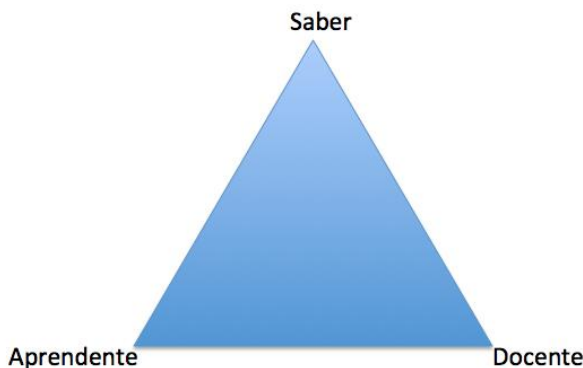
Assim, a didática, segundo Coste, assume a forma de um discurso que se relaciona diretamente ou indiretamente com o ensino / aprendizagem das línguas estrangeiras mas, não engloba os comportamentos pedagógicos, nem o ensino / aprendizagem, tal como é realizado na sala de aula. Sobre as teorias de referência em didática, Coste afirma:

«Il n'y pas toujours très loin entre la construction scientifique de la didactique et l'appel à des théories existantes, pour les appliquer, les vulgariser ou leur emprunter tel ou tel concept ... dans tous les cas il y a déplacement des modèles ou de notions, et la didactique intervient soit comme intermédiaire soit comme utilisatrice directe d'apports venus d'ailleurs» (Coste, 1976 :56).

Segundo ele, o papel da didática é "a recepção, a transmissão, a transformação, a rejeição, mais do que a produção de conhecimento".

Para Sophie Moirand, a didática é um conjunto de dois discursos diferentes. O primeiro discurso (A) descreve, prescreve o que acontece na sala de aula e o segundo discurso (B) participa de uma reflexão sobre o ensino / aprendizagem das línguas. O discurso (B) funciona fora da sala de aula: "questionando, definindo as motivações e as necessidades, as progressões, os conteúdos e a avaliação" (Moirand, 1986: 27). Assim, surge uma primeira tendência, a dos anos 80, que equipara a didática a discursos teorizadores (Coste, Moirand e Besse).

Ao mesmo tempo, surge uma segunda tendência, a do "triângulo didático", reduzindo a didática ao perímetro da escola com três polos: o polo ensino (docente), o polo aprendizagem (aprendente) e o polo conhecimento (saber).



A didática considera todos os parceiros no relacionamento didático, uma relação específica que se estabelece entre um professor, um aluno e um saber, num ambiente escolar e num momento específico. O triângulo didático tenta especificar o objeto da didática e a sua singularidade. Representa as relações entre professor, aluno e conhecimento.

O polo ensino corresponde à atividade em sala de aula (aspecto pedagógico), como o aprendente constrói o seu conhecimento (aspecto psicológico) e o saber para a estruturação dos saberes, a sua transmissão e a sua aquisição (aspecto didático). Esta segunda tendência reúne o grupo Descottes, Hersey e Chevallard.

Na década de 1990, uma terceira tendência surge, representada por Boyer, que reconhece à didática uma dimensão humana e social, além de sua dimensão estritamente acadêmica, restrita à sala de aula. De fato, Boyer (1990) define a didática como uma junção de diversas intervenções (teórica, metodológica e prática) pois abrange reflexões

como realizações sobre o ensino / aprendizagem das línguas. Não iremos abordar outras tendências, como a de Louis Porcher (1986) que equipara a didática a um campo social ou a de Avanzini (1992) que reduz o a didática a um caso estrito de metodologias.

Para Bouchard (1992), a didática enquanto ciência humana tem um fim prático, mas os seus questionamentos visam a construção do conhecimento. Deste ponto de vista, temos uma didática de intervenção e uma didática descritiva e / ou explicativa. Se Bronckart e Schneewly (1991) fazem a diferença entre uma didática do "saber" e uma didática de "ação", Dabène e Halté (1995) definem a didática como a teorização de uma prática. Simard (1997) inscreve a didática nas ciências da educação, mantendo uma orientação teórica e prática.

No entanto, a tendência que mais marcou a história da didática é a tendência autónoma de Robert Galisson (1990), porque constitui uma ruptura epistemológica e conceitual: com as teorias de referência e na concepção da relação entre teoria e prática.

Galisson define a didática das línguas considerando o seu objeto (a sua especificidade), a sua área (a sua extensão e a sua complexidade) e o seu "status" (estatuto da disciplina). Nos anos 80, a didática era abrangida pelo modelo "dicotômico e aditivo" e resultava da conjugação de várias teorias: a linguística para questões relacionadas com a linguagem, a psicologia para as questões de abordagem e a sociologia para as diferenças existentes entre os alunos / aprendentes. Todavia, este modelo revelou-se insuficiente. Assim, surgiu a necessidade de um projeto apropriadamente didático e o corte com a linguística aplicada. De facto, para Galisson a linguística não é a disciplina de referência da didática, e muito menos a disciplina mãe.

Se a maioria dos "autonomistas" concorda que, para garantir a autonomia, as questões surgem da observação e da prática, ou da necessidade de uma "integração" (Barré-De Miniac) ou de uma

"internalização" (Galisson), as diferenças são óbvias ao nível das teorias. Na verdade, há aqueles que são considerados fundamentais como Galisson que é a favor de uma ruptura radical com as disciplinas de referência.

Barré-De Miniac (2000) admite cedências pois, o ponto de vista científico subjacente a toda a construção da didática é o caminho entre os três polos do triângulo didático. Ela admite a integração de métodos e de conceitos de outras disciplinas e concebe a didática como um campo científico independente, mas que " invite à des relations très ouvertes aux disciplines connexes", permitindo os empréstimos não subordinados à didática. A divergência entre Barré-De Miniac e Galisson reside nos critérios de validade dos empréstimos. Para Galisson, estes são extraídos de uma perspectiva exclusivamente intervencionista e para Barré-De Miniac, como eles são estabelecidos numa perspectiva de operacionalização e de análise, ela reivindica uma abordagem praxeológica e uma abordagem teórica. Mas, Galisson recusa a ideia de uma teoria didática em nome da autonomização da Didática das Línguas e das Culturas.

Finalmente, a posição de Chiss (2000) é mais matizada, ele defende a exigência de uma reflexão epistemológica contra uma lógica exclusiva do domínio científico quando reconhece a relevância das questões sobre a área e declara:

« Si l'on souhaite à bon droit substituer une logique ascendante à la logique descendante..., il faut transformer la perception de ce qu'il est convenu d'appeler le "terrain" et cesser d'en faire un mot d'ordre, une incantation ou un foyer de ralliement des options anti théoriques » (2000 : 142).

Para Chiss a ideia de autonomia disciplinar para a didática não é tão importante como para Barré-De Miniac. É a historicidade da didática das línguas que o interessa afim de privilegiar o laço entre a didática das línguas e as ciências da linguagem. Ele especifica:

« Constituer la didactique du français et des langues à partir du "terrain", y puiser le questionnement par les disciplines connexes, suppose un niveau de formation suffisamment pertinent, intrinsèquement lié à une culture du langage et de la discipline » (2000 :143).

Seguindo a mesma tendência autonomista, quando a didática não é uma teoria ela é um modelo. Esta é a posição de Christian Puren, com a qual encerramos a apresentação deste conjunto de definições.

Puren (1998) define a didática como uma disciplina de observação e de intervenção no processo ensino/aprendizagem das línguas e das culturas. Lembra, que o termo "didático" refere-se etimologicamente ao processo de ensino (definido como "arte de ensinar"). Porém, o processo é ensinar e aprender. A sua distinção conceitual é baseada na relação teoria / modelo, os professores (na sua prática) e os alunos (nas suas pesquisas) estão numa perspectiva de intervenção e mencionam modelos e não teorias. Daí a sua relevância através dos diferentes modelos psicológicos de ensino / aprendizagem. É por isso que a definição de Puren difere da de Galisson em termos de autonomia disciplinar. Para Galisson é uma "teorização interna" da disciplina, enquanto que para Puren, é uma "modelagem interna" da disciplina.

Na sua concepção, Puren distingue três níveis:

- "metodológico": todas as atividades relacionadas com as metodologias (cada metodologia pode ser descrita de acordo com o seu "núcleo duro" metodológico ou seja a partir dos métodos que ela favoreceu e articulou à sua maneira); é o trabalho de desenvolvimento e de prática na sala de aula;
- "didático" define um nível meta-metodológico, o "campo didático";

- "didactológico" ou "meta-didático": projetos de investigação, como a adaptação do campo didático ao contexto institucional e social, os problemas da política linguística, o desenvolvimento curricular, a evolução da didática e "todas as questões epistemológicas, ideológicas ou deontológicas no ensino das línguas" (Galisson, Puren, 1999: 51).

Assim, à problemática da definição é adicionada a do campo disciplinar e as áreas solicitadas pela Didática.

Campo teórico/prático

Enquanto campo de investigação universitária, a didática produz saberes a partir de práticas de campo e assume uma conexão entre teoria e prática que corresponde a uma ruptura com a concepção tradicional, a da teorização interna. De facto, a separação entre a teoria e a prática congelou as representações das duas instâncias em papéis cuidadosamente distribuídos: teoria na universidade e no investigador (domínio do abstrato) e a prática nas organizações académicas (o local, a "alimentação" da teoria). Esta oposição, "hoje caricatural", vem, segundo Latour, da confusão entre "teoria como processo e teoria como produto" (Latour, 1996: 131). Ele explica, em particular, que não há nada teórico na produção de uma teoria, e que saber é sempre "saber fazer" e "fazer saber". A teoria e a prática são um misto, suportadas pelos mesmos atores (docentes e investigadores). Para Galisson, isto é a didactologia. Era necessário, de antemão, apropriar-se do domínio (o material existe, mas é requisitado pelas outras disciplinas de referência) para agrupar o que foi separado artificialmente (nomeadamente a língua, à sua cultura). Assim, a didática não é para construir, mas "desconstruir e reconstruir".

Como as outras Ciências da Educação, a didática recorreu a diferentes áreas para encontrar soluções ou pelo menos elementos de inteligibilidade dos atos de aprender e de ensinar, daí o seu carácter interdisciplinar. De facto, a didática é a educação do homem pelas línguas e pelas culturas. A extensão do seu campo e a sua complexidade afetam todos os sectores e domínios relacionados com os seres humanos, por isso é uma "disciplina de observação, de intervenção, mas também uma filosofia prática" onde vários modelos se sobrepõem. Teóricos e praticantes, sob o signo da reconciliação, concordaram, apesar das suas diferenças, em acabar com a balcanização da didática e assegurar a coesão da disciplina.

Sobre este assunto, Galisson propõe agrupar línguas-culturas numa "discipline fédérative", e defende a transversalidade metodológica, sem negligenciar as diferenças ou especificidades de cada idioma, afirmando:

« Il va de soi que fédérer toutes les langues sous une même bannière didactique ne signifierait pas refuser de prendre en compte les spécificités de chacune. Ce n'est pas parce que la balkanisation ignore un peu trop les analogies, que la fédération négligerait les différences » (1999 : 11).

Galisson justifica a sua escolha de transversalidade, promovendo a ideia de um desfasamento entre a metodologia de cada língua (uma metodologia específica para cada língua), para garantir que todas as línguas, inclusive as menos dinâmicas, beneficiem dos avanços da pesquisa. É por isso que inclui a didática do FLE (Francês Língua Estrangeira) na didática das línguas e das Culturas, este aspecto constitui o terceiro ponto de ruptura com a concepção antiga.

Conceitos

Ao retrazar o caminho da Didática, observamos que certos conceitos evoluíram de um significado específico abrangido para um

conceito genérico abrangente. É o caso das palavras Pedagogia, Linguística Aplicada e Didática. Como funcionam, como evoluíram? Estes conceitos desenvolveram-se essencialmente sobre o "como ensinar" ou "fazer aprender" as línguas estrangeiras, mas cada concepção tinha o seu próprio foco ou núcleo duro. A Pedagogia concentrou a sua reflexão sobre o professor, a Linguística Aplicada sobre o objeto língua e a Didática sobre o sujeito aprendente.

A palavra "Pedagogia" é um termo específico da metodologia tradicional que funcionou como uma polissemia ao reunir ao mesmo tempo o método, as ferramentas educacionais, os manuais, etc. De facto, ela engloba, genericamente, toda a prática pedagógica, enquanto que a "Didática" era inicialmente um termo específico, representante de um dos parâmetros pedagógicos. Este conceito de didática evoluiu com o nascimento da Linguística Aplicada e mais especificamente com a Didática do F.L.E (Francês Língua Estrangeira). Testemunhamos então uma verdadeira "oscilação" semântica. A didática retoma o seu significado original tornando-se novamente um termo genérico, ao confrontar-se com as metodologias constituídas que reduzem a Pedagogia a uma característica da didática entre outras.

O conceito de pedagogia

De origem grega, a palavra "Pedagogia" aparece em 1485, é adotada em 1761 pela Academia Francesa e refere-se a múltiplas realidades, resumidas por Besse na seguinte passagem:

« Pédagogie apparaît dans la langue française à la fin du Moyen Age, pour se référer soit aux pratiques du pédagogue soit au discours plus ou moins savant qu'on peut tenir sur elles. Au début du siècle, E. Durkheim s'en tient, en l'opposant au terme éducation, à cette seconde acception mais il nous semble que dans la plupart des discours ordinaires ou savants, c'est la première acception qui l'emporte » (Besse, 1995 :104).

O termo "Pedagogia" evoluiu numa nova direção, a Ciência da Educação. No entanto, no classicismo, a palavra "Educação" foi definida no dicionário de Furetière como o

"... .. soin qu'on prend d'élever, de nourrir les enfants. Se dit ordinairement du soin qu'on prend de cultiver leur esprit, soit par la science soit par les bonnes mœurs"(Furefier, 1995).

Uma nova abordagem da palavra "Educação", com uma tendência positivista e científica, nasceu a partir do século XVIII. Além disso, várias denominações parecem designar a disciplina de que é objeto, as de " Ciências da Educação ", " Ciências Pedagógicas ", 'Pedagogia Científica' 'ou de' Pedagogia ' Experimental ':

« Les grandes lignes de la Science de l'Education sont tracées ... elles s'efforcent d'emprunter leurs méthodes aux sciences positives. Les théories pédagogiques étaient liées soit à des hypothèses métaphysiques, soit à des romans littéraires, soit à des plans politiques. Elles se présentent aujourd'hui comme des corollaires des lois de la psychologie et de la sociologie » (Lapie et alii, 1915: 57).

Muitas definições emergem como resultado das diferentes visões em relação às disciplinas de referência:

- um caráter individualista (é uma questão de "formar o indivíduo");
- um aspecto social (Durkheim);
- uma definição sintética que envolve ambos os aspectos. (individual e social), conforme proposto pela *Ligue internationale de l'Education*, por G. Mialaret:

« L'Education consiste à favoriser le développement aussi complet que possible des aptitudes de chaque personne, à la fois comme individu et comme membre d'une société régie par la solidarité » (Mialaret, 1976 : 7).

Mialaret insiste na polissemia da palavra "Educação" que remete para diversas realidades. Na verdade, falar de Educação é situar-se em vários registos de pensamento e recordar uma instituição social, um sistema educacional. Esta tendência para ampliar as

disciplinas relacionadas com a Educação, enquanto disciplinas globais, difunde-se e as definições convergem.

Leconte propõe um quadro que especifica três áreas de intervenção e de controlo (um campo afetivo, um campo cognitivo e um campo institucional) e pergunta:

« Et si la pédagogie, ce n'était pas seulement la didactique d'une discipline, mais les connaissances, l'expérience, la maîtrise des dispositifs et les médiations qui organisent ces trois champs » (Leconte, 1988 : 7).

Assim, o termo "Educação" adquiriu ao longo do tempo uma definição mais completa e complexa, no sentido de uma continuidade entre Pedagogia e Educação. E a palavra Didática?

A noção de didática

A palavra Didática surge pela primeira vez em 1554 no *Le Grand Larousse Encyclopédique* (Rosay, 1988: 16). Termo de origem grega (*didaktikê*) que significa " arte ou técnica de ensinar". Aparece inicialmente como um adjetivo e depois como um substantivo nas palavras de Comenius, que lhe atribuiu o seu carácter pedagógico ao defini-la como a arte de ensinar.

Em 1643, a didática adota o significado de "ciência" ou "teoria" do ensino / aprendizagem. No século XVIII, Du Marsais a define como:

« Le grand art de la didactique ... C'est de savoir profiter des connaissances qui sont déjà dans l'esprit de ceux qu'on veut construire pour les mener à celles qu'ils n'ont point » (Du Marsais, 1751 :t.5).

Da definição de Comenius retemos dois princípios fundamentais:

- o aluno não deve aprender várias línguas ao mesmo tempo;

- o ensino da língua não deve começar pelas regras gramaticais. Para ele é reverter a ordem educacional. Comenius pensa que "... uma língua deve ser aprendida pelo uso e não somente por regras" (Bosquet, Jolibert, 1992: 31,32).

O termo "didático" é esquecido no início do século XIX e reaparece no século XX com o livro de W.A. Lay, *Didactique Expérimentale*, no sentido de "pedagogia experimental" com orientação bastante psicológica. Note-se que "Didática" assumirá o significado de "Pedagogia", quando "Pedagogia" confundiu-se com "Educação". Em 1976, a *Encyclopedia Universalis*, inclui a palavra Didática na entrada "Pedagogia", com esta definição:

«... les problèmes axiologiques, la fonction sociale de l'école et des problèmes didactiques : à savoir les techniques de communication du savoir et des modèles de comportement que l'école désire inculquer» (Astolfi, Develay, 1989 : 3).

O termo Didático progrediu com grande ambiguidade quanto ao seu propósito, de adjetivo a substantivo, designa um campo mais amplo, uma área. Na sua definição, Galisson observa que:

«De tous les termes qui touchent à l'enseignement, c'est l'un des plus ambigus et des plus controversés (...). Sa vocation est de définir une nouvelle discipline, qui cherche à circonscrire son domaine au carrefour des disciplines recours » (Galisson, Coste, 1976 :4).

Finalmente, foi em 1984 que Lacombe definiu a Didática como uma ciência ao incluir a palavra "Didática" na *Encyclopédie Universelle*. As diferenças não são tanto ao nível das definições, mas do objeto e do campo da didática. Alguns reduzem-no ao triângulo didático (o saber, o aprendente e o professor) e para outros, os métodos são o objeto de didática. A maioria situa-se a montante e a jusante, incluem os elementos pedagógicos e os elementos extra-pedagógicos da aprendizagem, identificando várias abordagens.

Uma primeira abordagem considera a didática incluída na pedagogia, referindo-se especificamente ao ato de ensinar (Mialaret 1976, Lacombe 1985, Dauvers 1992 e Drouain, 1993). Uma segunda abordagem as dissocia pelo seu campo: a pedagogia é confinada à sala de aula, enquanto a Didática é uma reflexão epistemológica sobre o conhecimento/o saber. Uma terceira abordagem coloca a Didática a montante e a jusante da Pedagogia. A pedagogia seria então um componente da Didática (Galisson 1986, Astolfi e Develay, 1989).

Em resumo, o propósito da didática passou de um foco sobre a matéria ensinada, para uma reflexão sobre os métodos e, em seguida, para uma visão mais ampla, englobando os propósitos, o objeto ensinado e o aprendente. Assim, para fechar a história dos conceitos, podemos dizer que a palavra "Didática" evoluiu de um adjetivo simples à designação de uma disciplina, com uma dupla preocupação epistemológica e pedagógica, na origem de um novo conceito, o da Didactologia. (Galisson, 1986). Atrás deste conceito aparece uma nova definição da área que emerge com um domínio mais amplo. De acordo com Galisson, a Didática transforma-se em Didactologia assim, o *Didacticien*² "reflete sobre a sua prática e produz discurso sobre essa prática", o que implica a "contextualização" da prática de ensino / aprendizagem. Para responder à questão de saber se a Didática é uma ciência ou uma tecnologia, retomamos a definição de Galisson:

« La Didactique n'est pas strictement une technologie, c'est-à-dire une simple pratique réduite au périmètre de l'école, et elle n'est pas tout à fait une science, faute de concepts reconnus et univoques, à l'instar des autres sciences » (1986b : 51).

Por outro lado, o que não é suficientemente destacado é a especificidade da didática, uma vez que é a única ciência que não se funde com o seu objeto. Não se trata de ensino ou de aquisição de

² Pessoa que estuda a Didática

conhecimento, mas de um saber-fazer: "como ensinar" e "como aprender"? A Didática trabalha a "ferramenta", mas também o homem (o sujeito aprendente), a sua formação, a sua educação. A Didática não é apenas uma "tecnologia", mas também um "Humanismo".

Se a Pedagogia e a Didática estão estritamente situadas a jusante, a Didactologia exerce a montante e a jusante e, rompe com a perspectiva "objeto" da didática (por exemplo, centrada na língua estrangeira) a favor da perspectiva do "sujeito", centrada no aprendente como indivíduo pertencente a uma sociedade e com um pressuposto epistemológico específico da linguística (aplicar teorias de outras áreas).

A didática problematiza e teoriza a partir da observação do campo (problema concreto de prática de ensino/aprendizagem) para encontrar soluções. Claramente, o seu objetivo não é buscar os conceitos de disciplinas como a linguística, a psicologia ou outros, e tentar aplicá-los ao ensino/aprendizagem (das línguas), mas a partir de problemas concretos de ensino/aprendizagem, pensar em soluções. Isto é o que Galisson chama de "teorização interna" da disciplina que parte da prática e regressa à teoria.

A didactologia representa a fase final de uma evolução, a da reflexão, da teoria / discurso sobre o ensino e a aprendizagem das línguas e das culturas. Em conclusão, a problemática da didática como disciplina é a sua dupla tendência epistemológica e conceitual. Para alguns é apenas um discurso e para outros é apenas uma prática, mas para muitos ela permanece tanto prática como teórica com a distinção de uma didática de intervenção e uma didática descritiva ou explicativa. Independentemente das distinções ou das homogeneidades das diferentes abordagens, elas ajudaram a construir a Didática das Línguas e das Culturas e os seus conceitos.

Referências bibliográficas

Astolfi, J.P, Develay, M. 1989. *La didactique des sciences*. Paris : PUF.

Barré-De Miniac, C. 2000. Barré-De Miniac, Ch. 2000. « Le questionnement didactique entre autonomie et Applicationisme ». In : Martine Marquilo-Larruy (dir). « Questions d'épistémologie en didactique du français (langue maternelle, langue seconde, langue étrangère ». Actes des Journées d'Étude de Poitiers des 20-22 janvier 2000 : *Les Cahiers FORELL*, Revue de la Maison de l'Homme et des Sociétés, Poitiers, pp.145-150.

Besse, H. 2000. « De la première didactique des langues et son oubli en France, durant près de deux siècles ». In : Martine Marquilo-Larruy (dir). « Questions d'épistémologie en didactique du français (langue maternelle, langue seconde, langue étrangère ». Actes des Journées d'Étude de Poitiers des 20-22 janvier 2000 : *Les Cahiers FORELL*, Revue de la Maison de l'Homme et des Sociétés, Poitiers, pp. 67-72.

Coste, D. 1976. « Construction et évolution des discours de la didactique du FLE ». *Etudes de Linguistique Appliquée* n°61. Paris : Didier Érudition. pp. 52-63.

De Pietro, J.F. 2000. « Emprunter, Bricoler, Construire les relations de la didactique avec les disciplines connexes ». In : Martine Marquilo-Larruy (dir). « Questions d'épistémologie en didactique du français (langue maternelle, langue seconde, langue étrangère ». Actes des Journées d'Étude de Poitiers des 20-22 janvier 2000 : *Les Cahiers FORELL*, Revue de la Maison de l'Homme et des Sociétés, Poitiers, pp. 139-144.

Durkheim, E. 1897. « Education ». In: Buisson, F. (dir). *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie*. Paris : Hachette.

Furetière, A. 1690. *Dictionnaire universel*. La Haye et Rotterdam; Arnout et Reiners, rééd, 1995. Leers.

Galisson, R, Puren, C. 1999. *La formation en questions*. Paris : Nathan. Galisson, R. 1986. « Eloge de la didactologie/didactique des langues et des cultures ». *Etudes de Linguistique Appliquée* N°64. Paris: Didier Érudition, pp. 39-54. Lapie et al. 1915. *La science française*. T.1. Paris : Larousse.

Latour, B ; 1996. « Sur la pratique des théoriciens ». In Barbier J.P. et al. *Savoirs théoriques et savoirs d'action*. Paris : PUF, pp. 131-146.

Leconte, M. 1981. *S'asseoir pour se regarder marcher*. Paris : Syros.

Moirand, S. 1986. « Décrire les discours d'une revue sur l'enseignement des langues ». *Etudes de Linguistique Appliquée* N°61. Paris. Didier Érudition, pp. 27-36.